



A Terra

A povoação ribeirinha do Porto Brandão ocupa um vale talhado na costeira de Almada.

A arriba, sobranceira ao Tejo, dominando a localidade, é o aspecto mais evidente desta estrutura geológica.

A costeira, apresentando vertente abrupta a norte (a arriba) é constituída por uma sequência de camadas rochosas inclinando suave e uniformemente para sul.

Fósseis de gastrópodes
miocénicos.
Moldes internos de *Turritella*,
conhecidos localmente como
“saca-rollhas” ou “rabos-de-porco”



Arriba sobre o Porto Brandão



Fóssil de vieira miocénica.
Mineralização da concha
de *Pecten*

Fóssil de ouriço-do-mar
miocénico.
Mineralização da carapaça
de *Clypeaster*



As camadas datam do Miocénico, tendo cerca de 18 a 15 milhões de anos de idade. Nelas existem fósseis de organismos marinhos, testemunhos desses tempos, de quando a arriba ainda não existia e, nesta região, se estendia um amplo golfo marinho de águas quentes, tropicais.





O Clima

A localização geográfica do Porto Brandão tem uma influência marcante no clima, e este determina o tipo de vegetação. Atendendo a que se situa à beira do rio Tejo e muito próximo do mar, apresenta um clima relativamente ameno.



Horta no Porto Brandão

A Flora

Na paisagem do Porto Brandão predominam actualmente os terrenos incultos, antigos terrenos de cultivo, entretanto abandonados. Nas zonas mais altas, com menor aproveitamento agrícola, surgem pontualmente os matos, os pinhais e os eucaliptais. Nas zonas mais baixas, as linhas de água favorecem a instalação de espécies botânicas invasoras. As pequenas hortas, estão um pouco por todo o lado.



Oxalis pes-caprae
(azedra) espécie invasora



Ophrys fusca
(orquídea-moscardo-maior)
espécie presente na clareira
de um eucaliptal



O levantamento do Património Natural permitiu identificar 6 unidades de paisagem, 203 Espécies de plantas, 51 das quais com propriedades aromáticas ou medicinais.

Flores



Narcissus bulbocodium
(narciso)



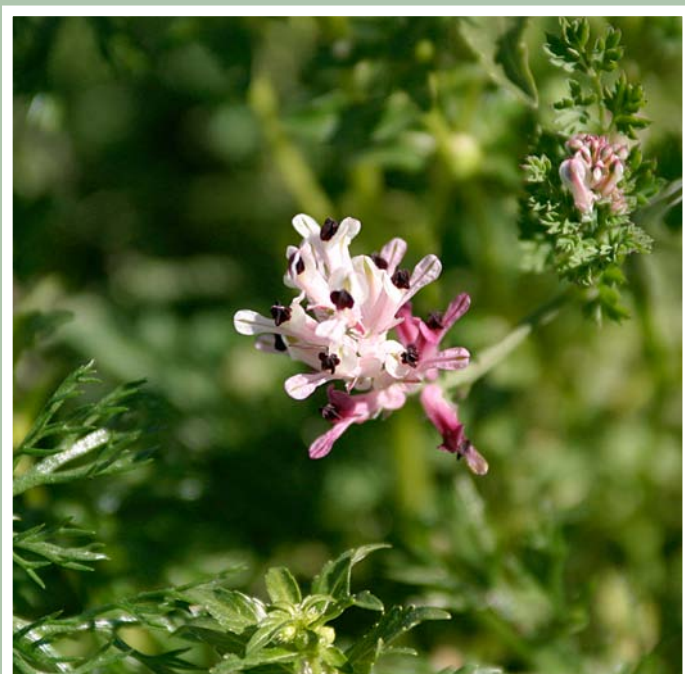
Origanum virens
(oregão)



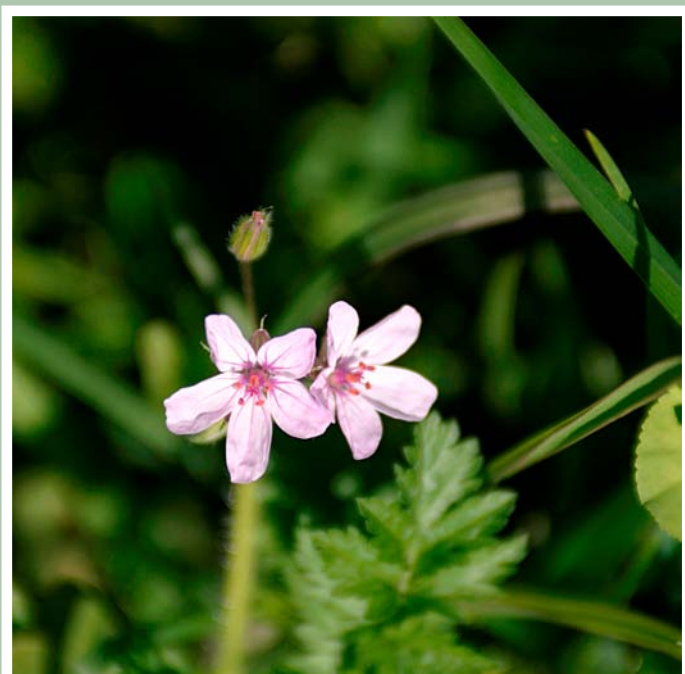
Anagallis arvensis
(morrião)



Leontodon taraxacoides
(leituga-dos-montes)



Fumaria officinalis
(erva-moleirinha)



Erodium cicutarium
(bico-de-cegonha)



Coronilla repanda
(pascoínha)

Matos



Pistacia lentiscus
(aroeira)



Rhamnus alaternus
(aderno-bastardo)



Euphorbia characias
(malateira-maior)



Daphne gnidium
(trovisco)





C.M.A. / DIRP 2001

O Espaço e o Tempo



A localização geográfica e a morfologia do terreno contribuíram para a fixação humana no Porto Brandão. Situado na zona onde a distância entre as margens é mais curta, o acesso fluvial é facilitado por uma enseada com praia. Por via terrestre o declive da arriba é vencido percorrendo o fundo do vale que desce do lugar da Torre de Caparica.

Na origem do povoado e ao longo da sua história, encontram-se naturalmente as actividades ribeirinhas, como a pesca, os transportes fluviais e a construção naval.



Estaleiro de construção naval no Porto Brandão



Frete ribeirinha norte de Almada em 1816

M.O.P. / Arquivo Histórico



Embarcações de pesca e pescadores no Porto Brandão





Quinta da Azenha

O Nome

O topónimo *Porto do Brandão* surge na carta de foral que o rei D. Manuel I deu a Almada em 1513, onde é referido como um dos limites do Reguengo de Caparica.

Na origem do nome está o apelido *Brandão*, da família a quem pertenceu a Quinta da Azenha. Esta propriedade foi cabeça de morgado, pelo que se manteve na mesma linhagem durante várias gerações.



Praia do Porto Brandão

C.M.A. / DIRP 2001



Praia da Paulina

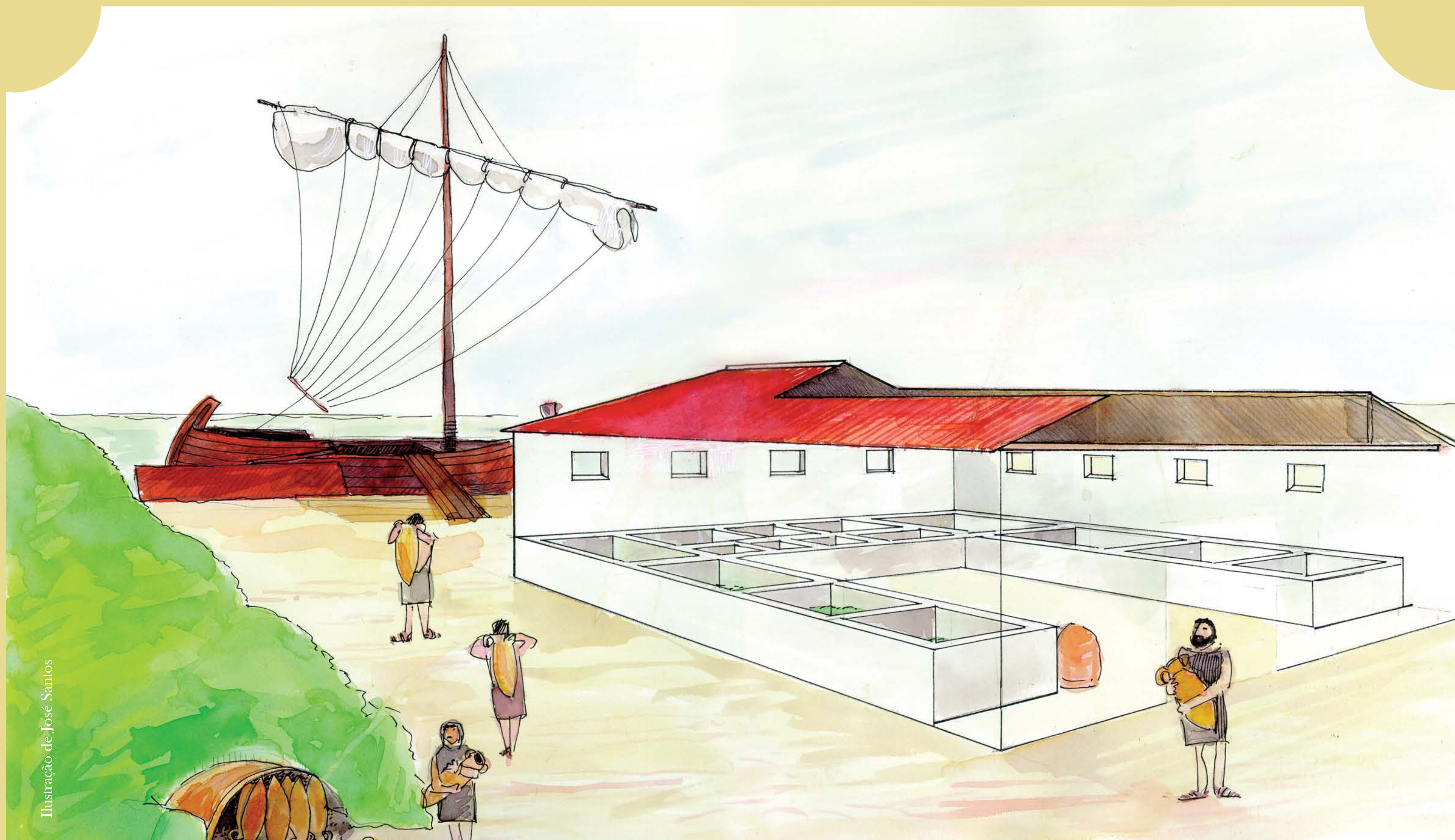
C.M.A. / DIRP 2001

A Lenda

Segundo a lenda, o topónimo tem origem numa história de amor trágica.

Brandão era o nome de um jovem carpinteiro naval, que namorava Paulina, filha de um homem poderoso. Este, contrariando a vontade e a paixão da filha, obrigou-a a embarcar numa nau com destino à Índia. Brandão conseguiu alcançar a nau num pequeno barco a remos, mas foi apanhado pelo comandante do navio, que o mandou matar e lançar ao rio. Paulina atirou-se de seguida e morreu também. O seu corpo foi dar ao local que passou a chamar-se praia da Paulina e o do rapaz ao actual Porto Brandão.





Recriação de Fábrica Romana de Conservas de Peixe

História Antiga

Do período de ocupação romana (sécs. I-V), foram descobertos no Porto Brandão vestígios de um tanque de salga de peixe, semelhante aos existentes nas fábricas de conservas de Cacilhas, Lisboa, Setúbal e Cascais.



Ânfora romana produzida no vale do Tejo



Localização de alguns sítios arqueológicos da época romana no estuário do Tejo

O lugar de Porto Brandão foi confundido por alguns autores com o povoado romano de Equabona, um dos primeiros topónimos que o Itinerário de Antonino (século III) localiza a Sul de Lisboa, na estrada que ligava esta cidade a Évora. Contudo, outra hipótese de traçado coloca aquele povoado na zona de Coina (Seixal / Barreiro).

Não sendo uma cidade, Porto Brandão era alguns séculos mais tarde o ponto de partida da Estrada dos Almocreves, a principal via de acesso de Lisboa a Sesimbra, um importante porto de pesca.



Museu de Marmã

Porto Brandão no início do século XX

Referências Históricas

Entre os séculos XVI e XVII, o Porto Brandão era um lugar pouco povoado, mas servia de base ao escoamento dos diversos produtos da região, como os hortícolas, os cereais, o vinho, a lenha e a pedra, que abasteciam a cidade de Lisboa.

Sendo uma entrada de mar, havia no Porto Brandão *guardas da saúde* que fiscalizavam os desembarques em épocas de peste.

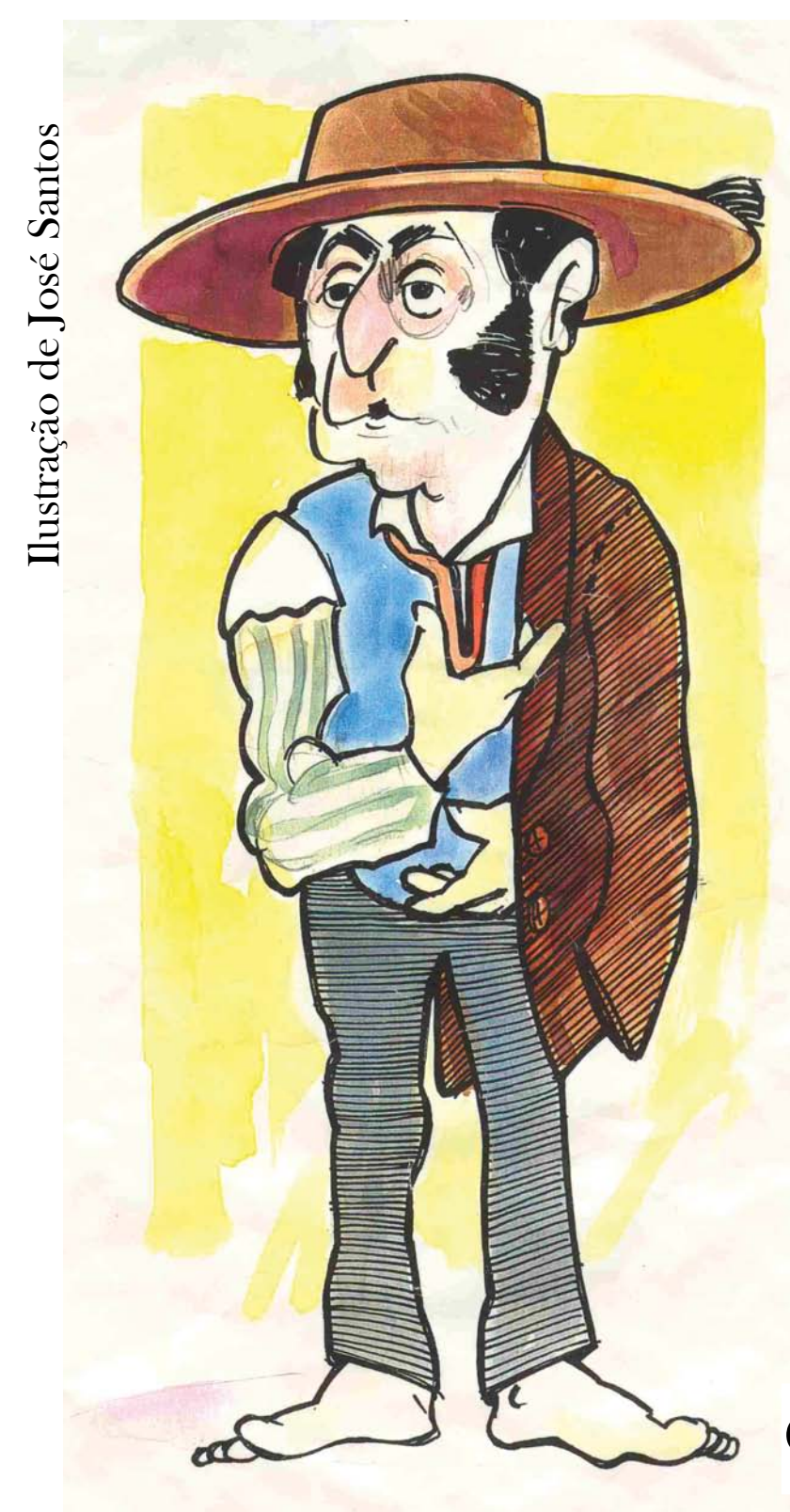


Ilustração de José Santos

Caricatura de Catraieiro



Arquivo Municipal de Lisboa / Arquivo Fotográfico

Pessoas carenciadas à porta do Secretariado da Defesa da Família

Nos séculos XVIII e XIX, o Porto Brandão é descrito por vários autores, que salientam a boa capacidade do seu porto de mar, indicam o número de casas, a ocupação dos habitantes e outros factores de interesse na localidade, como a praia e a festa da padroeira.

Na segunda metade do século XIX e início do século XX, o Porto Brandão está no auge da actividade e é várias vezes citado:

1758 - 41 *fogos* (casas)

1873 - cerca de 80 *fogos*

1876 - há casas para alugar aos veraneantes, a preços módicos, árvores e boas vistas sobre Lisboa. A maioria dos habitantes é constituída por catraieiros

1864 - inauguração da capela

1865 - instalação do primeiro Plano Inclinado do país, para construção naval

1869 - entrada e m funcionamento do Lazareto novo

1890 - construção do novo cais

1923 - fundação da Cooperativa dos Catraeeiros do Porto de Lisboa

1931 - instalação do Asilo 28 de Maio no edifício do Lazareto

1940 - criação do Secretariado da Defesa da Família no Porto Brandão





Caís da doca do porto Brandão

História Recente

Em meados do século XX, a SONAP – Sociedade Nacional de Petróleos, era o principal atractivo económico do Porto Brandão. Beneficiando de uma boa posição no mercado de combustíveis, a empresa, uma das mais importantes do país, deu emprego a muitos, que lá continuaram depois da sua nacionalização e criação da Petrogal, em 1976.



C.M.A./DIRP 2001

Parque de armazenagem de combustíveis no Porto Brandão

O Porto Brandão continua a ter importância portuária, devido aos terminais marítimos aí instalados.

A nascente, situa-se um parque que armazena produtos petrolíferos em 26 reservatórios de aço, distribuídos pela encosta em plataformas. A poente, na antiga praia da Paulina, localiza-se uma estação de limpeza e degasificação de navios, que dispõe de seis reservatórios para combustíveis líquidos.



Antigo Restaurante “O Parafuso”



Rua Bento Jesus Caraça, alguns restaurantes





Museu da Cidade de Almada

As casas

O conjunto edificado do Porto Brandão desenvolve-se acompanhando a base da arriba, que a delimita a nascente e a poente. A povoação cresceu ocupando a encosta virada a poente, dando origem ao bairro designado popularmente pelo “Alto”, que liga ao lugar de Formosinhos.

Alguns dos edifícios mais antigos apresentam uma traçamarcadamente urbana, característica do século XIX; outros apresentam características rurais. No centro do lugar foi construído por volta de 1950 um bairro habitacional, constituído por habitações de dois pisos, orientadas perpendicularmente à praia e divididas por uma rua central.



Casa do Tanoeiro

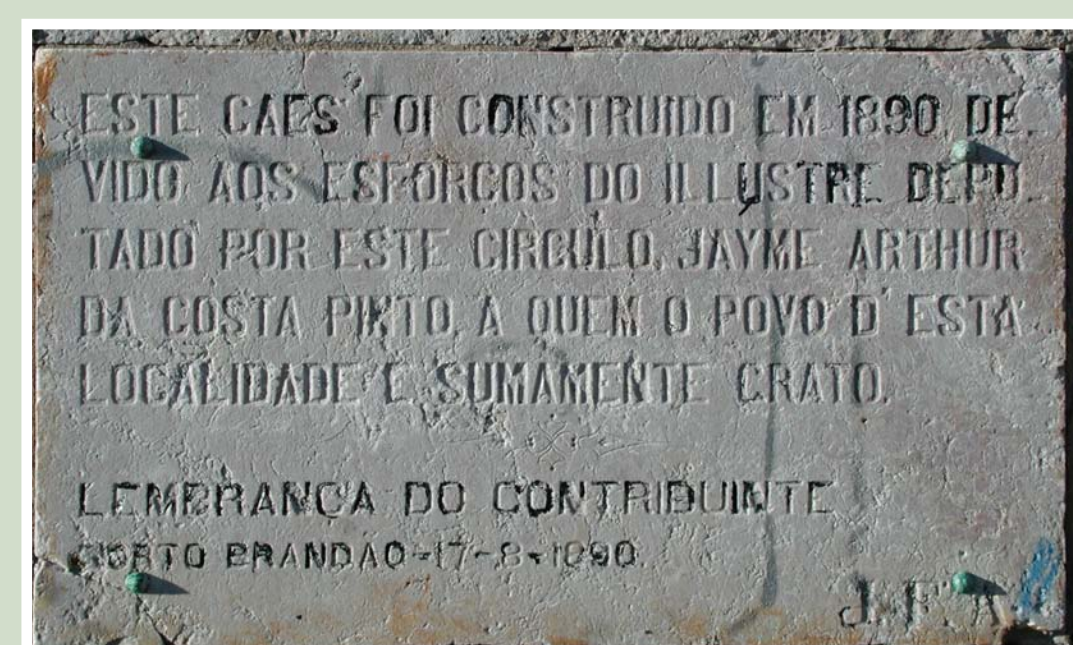
Destacam-se no conjunto a casa do Tanoeiro e a oficina da Cooperativa dos Catraeiros, este último de características arquitectónicas acentuadamente modernistas.



Oficina da Cooperativa dos Catraeiros

O cais

O cais do Porto Brandão, construído em 1890 por iniciativa do deputado por Almada, Jayme Costa Pinto, apresenta uma rampa e um muro em pedra aparelhada que acompanha toda a frente de praia, sendo rematado no extremo este pela estação fluvial.



Placa comemorativa da construção do cais do Porto Brandão



Cais do Porto Brandão, cerca de 1980.

Ao fundo, antiga sede da Cooperativa dos Catraeiros e escola primária





Museu da Cidade de Almada



A Devoção

No largo central foi erigida uma igreja dedicada a N^a. Senhora do Bom Sucesso, que substituiu uma ermida em mau estado, pertencente à Quinta da Azenha.

A capela actual foi patrocinada por D. Pedro V e inaugurada em 1864.

A imagem de N^a. Sra. do Bom Sucesso foi encontrada no Tejo por pescadores.

As festas em honra da padroeira, que em 1873 duravam três dias, são organizadas pela população. Uma das grandes atracções são as largadas de touros na praia.

O Porto Brandão era um ponto de partida do Círio de N^a Senhora do Cabo e local de paragem do Círio dos Saloios, em romaria ao cabo Espichel.

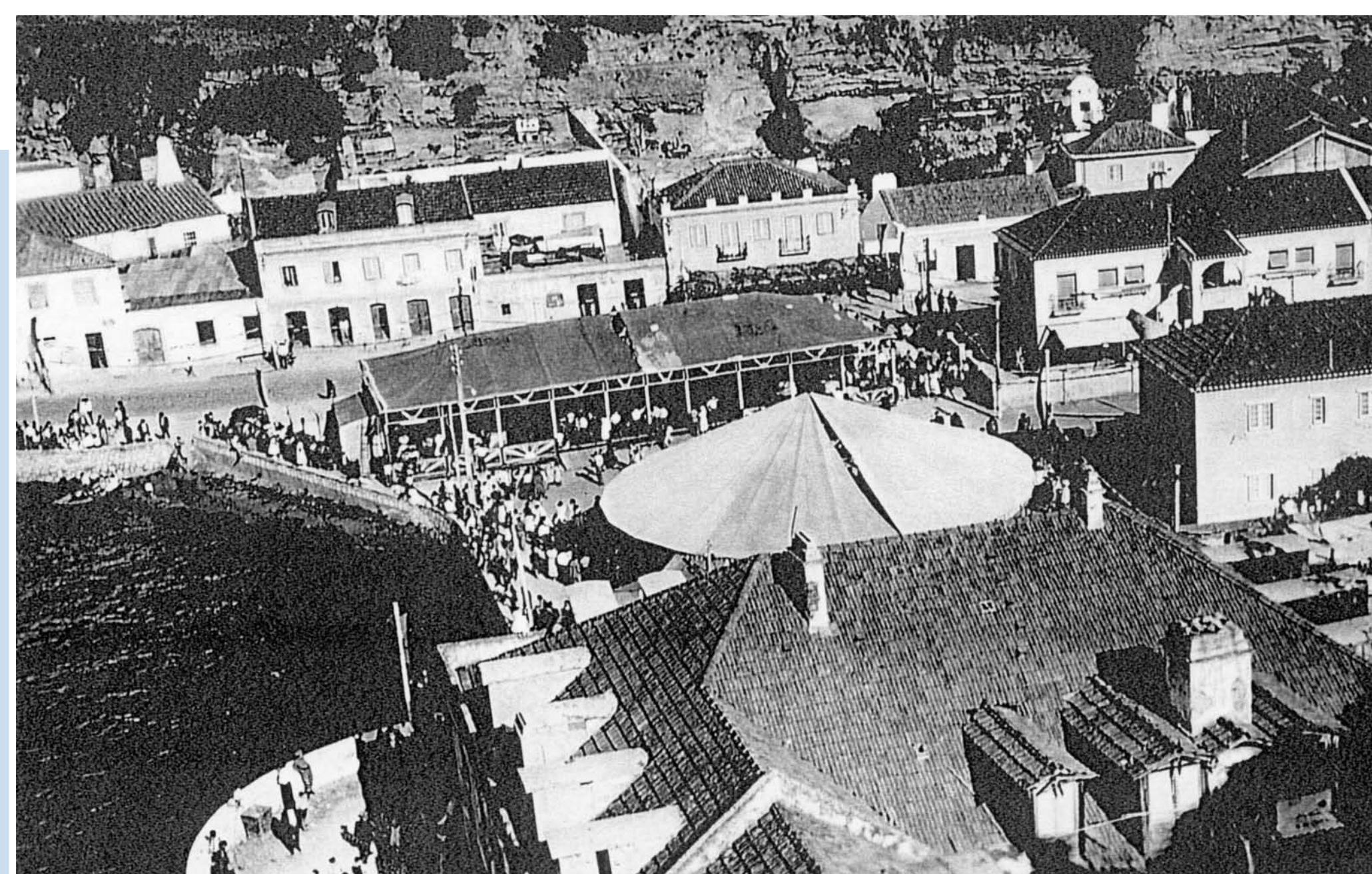


Foto cedida por Teresa Rodrigues

Festa de N^a. Senhora do Bom Sucesso em 1968

Banda da Sociedade Marítima do Porto Brandão durante o Círio do Cabo Espichel



Registo de azulejo alusivo a N^a. Senhora do Cabo Espichel sobre a porta da antiga tanoaria no Porto Brandão



Torre Velha vista do Tejo

A Torre Velha

A Torre Velha, ou Torre de São Sebastião, é um dos mais emblemáticos monumentos do concelho de Almada. Situada sobre a encosta Oeste de Porto Brandão, a estrutura militar foi edificada durante o século XV, com o objectivo de defender a entrada da barra do Tejo. É uma obra pioneira na adaptação da arquitectura militar à artilharia. Mais tarde foi construída a Torre de Belém, para cruzar fogo com esta fortaleza.

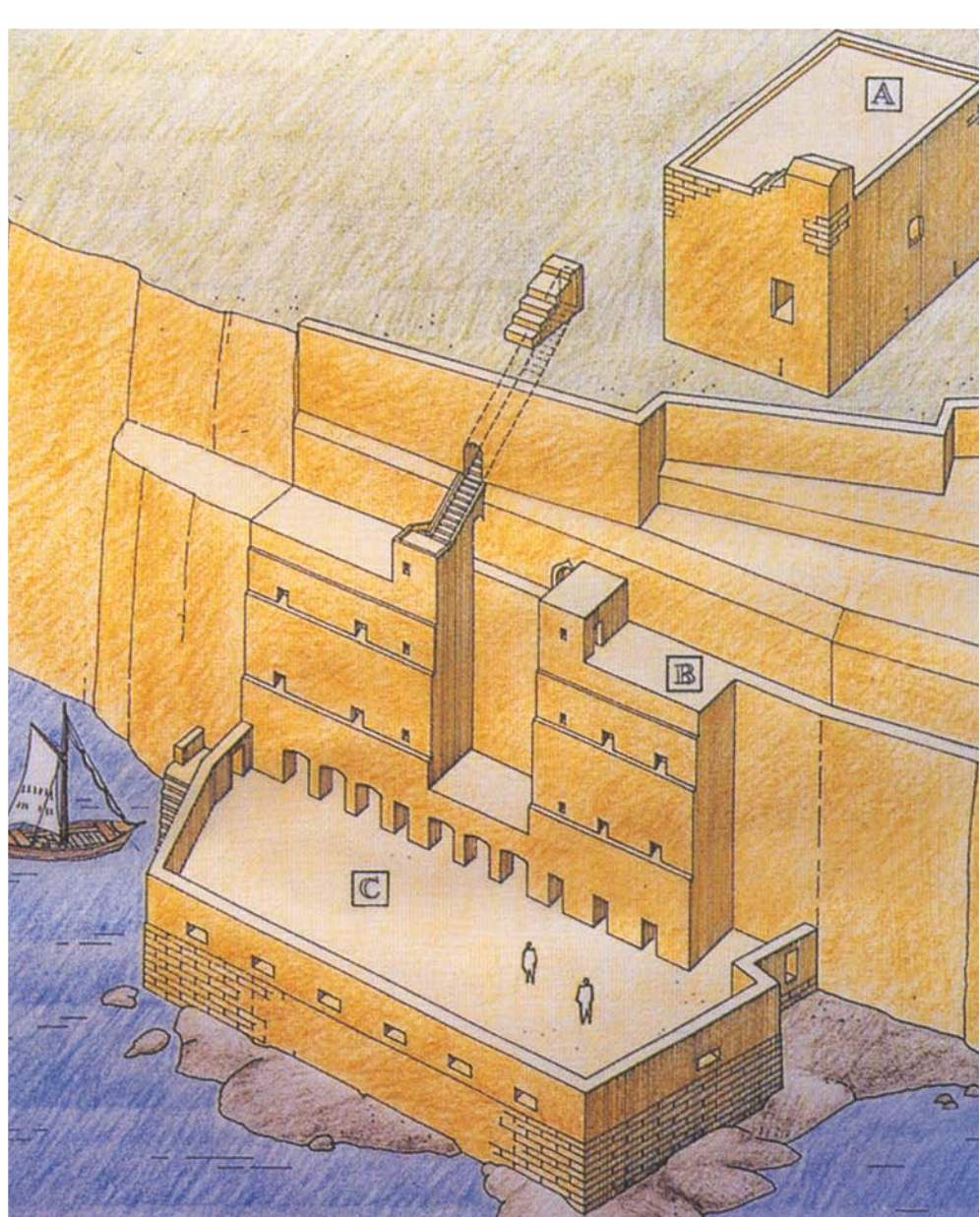
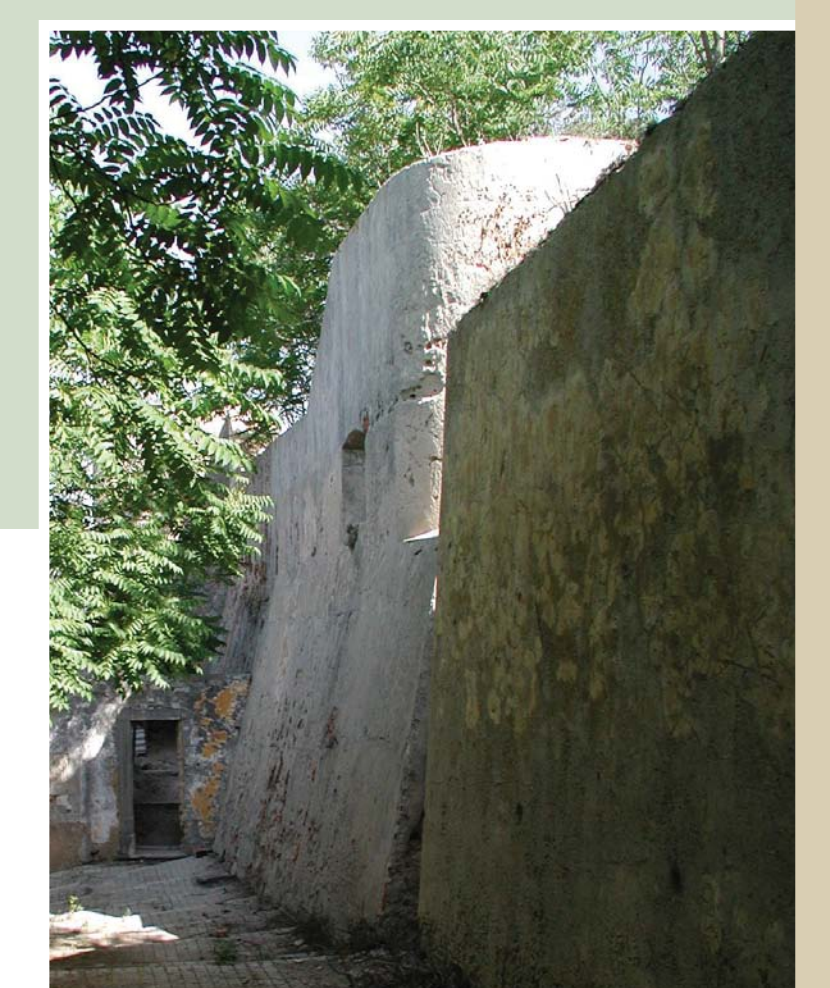
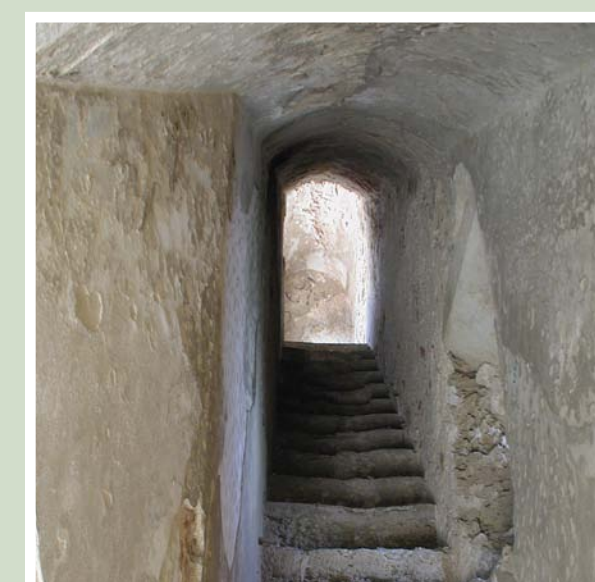
Um baluarte na base da arriba possibilitava fazer tiro paralelo à linha de água;

Uma torre com dois pisos, servia de atalaia;

Uma muralha assegurava, através de vários patamares e escadas interiores, a comunicação entre a torre e a esplanada de artilharia.

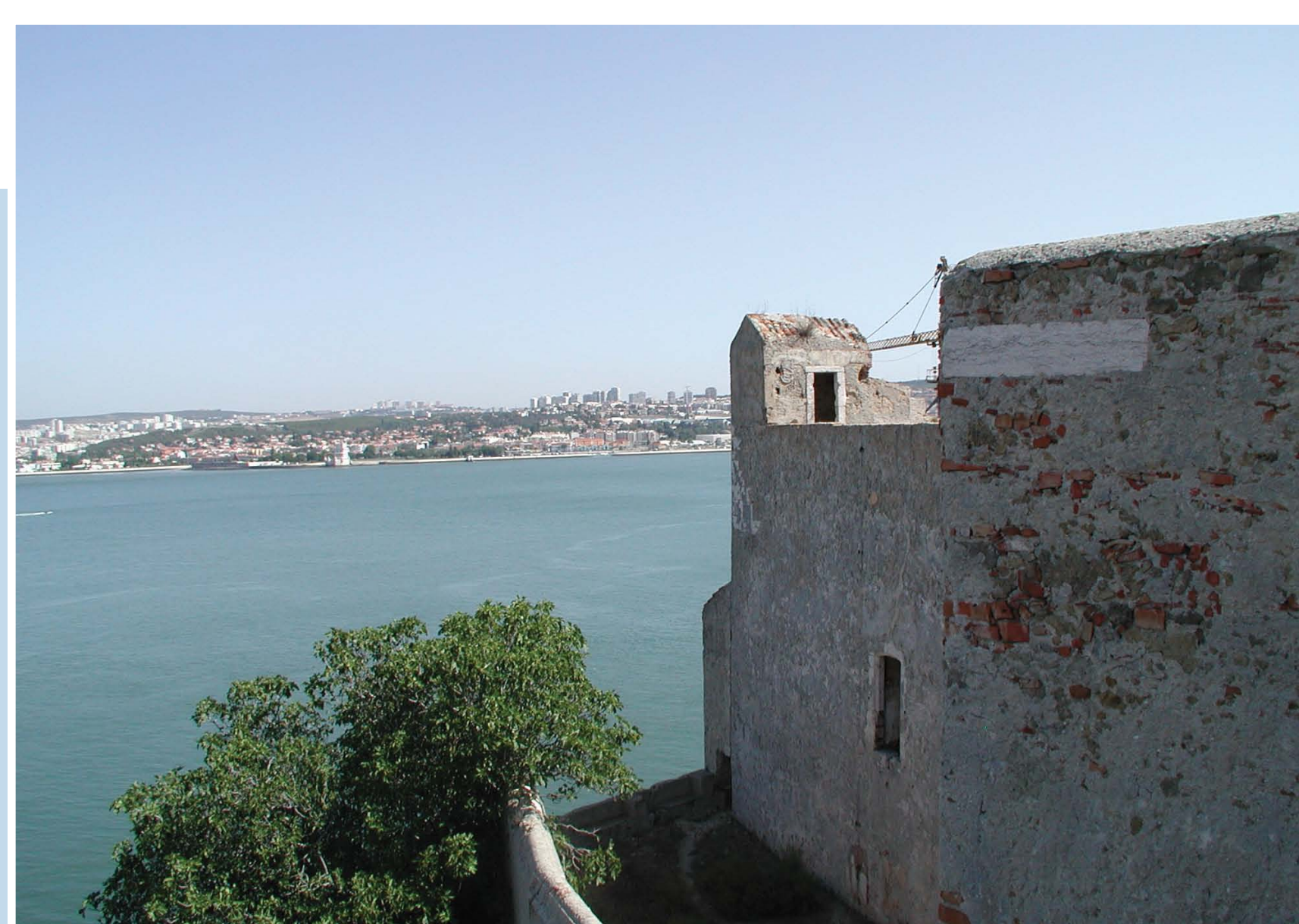
O conjunto incluía ainda diversas dependências, nomeadamente uma pequena capela dedicada a São Sebastião.

Na Torre Velha esteve preso o escritor e militar D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666), acusado de um crime que sempre negou. Aí escreveu uma das suas obras mais importantes, “Carta de Guia de Casados”. Na mesma época, há registo de três escravos moradores na localidade, dois dos quais pertencentes ao comandante da Torre.



Reconstituição conjectural da Torre Velha no século XV, por Pedro Aboim Cid. (A) -Torre, (B) Muralha, (C) Baluarte. «As Arquitecturas da Barra do Tejo, as fortificações», in *Nossa Senhora dos Mártires. A última Viagem*, Verbo, 1998, p. 38.

Nesta fortaleza instalou-se em 1814 um lazareto, mais tarde substituído por um novo e grandioso edifício.



*Aquele sempre temer,
aquele nunca acertar,
aquele nada entender,
aquele tanto enganar,
que outra cousa quer dizer?*

D. Francisco Manuel de Melo,
O Canto da Babilónia





C.M.A./DIRP 2001

Vista aérea do Lazareto

As dependências de apoio incluíam hospital, lavandaria, quartel e habitação para os empregados, médicos, capelão, etc. Foi considerado na época um projecto caro e arrojado, que cumpria todas as normas de segurança e exigências da saúde pública.



Transporte de quarentenário. 1909

Arquivo Municipal de Lisboa



Mina para abastecimento de água ao Lazareto na Fonte Santa



Museu da Cidade de Almada

Lazareto

O Lazareto foi projectado a partir de 1850, em virtude da falta de condições e ineficácia das instalações na Torre Velha, junto à qual se situa. Acolhia passageiros e tripulantes marítimos em quarentena, para prevenir epidemias, por exemplo, de febre amarela. Tinha capacidade para seiscentas pessoas, distribuídas por edifícios isolados.



Barca do Lazareto. Modelo do Museu Municipal de Almada, feito por Lenine Rodrigues. Esta embarcação tinha de ser rebocada pois não tinha meios próprios de propulsão. Fazia o transbordo dos passageiros dos navios transoceânicos para o cais do Lazareto.

Em 1919, o edifício já não tinha a função original e servia como prisão.

Em 1928, passou a albergar o Asilo 28 de Maio, dirigido por religiosas e destinado a raparigas pobres.

Em 1942 foi integrado na Casa Pia de Lisboa e chegou a ter 465 alunas.

O abandono do edifício deu-se em 1958, depois da derrocada de um telhado, na noite de 6 de Janeiro, ter provocado duas vítimas entre as alunas.

Voltou a ser ocupado a partir de 1974, por mais de seis centenas de pessoas vindas de África durante a descolonização. Um novo acidente, que atinge mais duas crianças, ocorre em 1996 (na mesma noite de 6 de Janeiro) e leva ao encerramento definitivo.



A abundância de peixe no rio Tejo foi descrita em 1147:
«*Há nele tanta abundância de peixe, que os habitantes acreditam que dois terços da sua corrente são de água e o outro terço de peixes. É também rico de mariscos como de areia, e é principalmente de notar que os peixes desta água conservam sempre a sua gordura e o sabor natural sem os mudar ou corromper por qualquer circunstância (...)*»

José Augusto de Oliveira, *Conquista de Lisboa aos Mouros (1147)*
Narrado pelo Cruzado Osberno., *testemunha presencial*, S. Industriais da C.M.L., 1935, p.40

A pesca

Em 1620, entre as iguarias consumidas em Lisboa, destacam-se as lagostas do Porto Brandão:

«gordos e saborosos linguados, salmonetes, cações, raias, corvinas, douradas, pampos, cabras, ruivos, cibas, chocos, choupas, salemas, charroco, peixe delicado que dão aos doentes, cavalas, sardas, sardinhas, safios, congros, amêijoas, berbigão, ostra, lingueirão, mexilhão, caramujo, muito camarão, grande número de lagostas em Porto Brandão muitas sapateiras, santola, lagostim, caranguejos».

Frei Nicolau de Oliveira, *Livro das Grandezas de Lisboa* [1620], Vega, Lisboa, 1991, p. 475



Halobatrachus didactylus (charroco)



Sparus aurata (dourada)



A “chata” Celestina é actualmente a embarcação mais antiga do Porto Brandão

A pesca foi, e ainda é, praticada por muitos no Porto Brandão. Ter uma “chata” ou uma cana de pesca representa um complemento a outras actividades.



Pescador profissional
José António “Totinhas”.



Foto cedida por Vitor Rodrigues





Transportes fluviais

Em meados do século XVIII, o Porto Brandão era um dos principais portos de mar do concelho de Almada.

Grande parte dos transportes entre o Porto Brandão e Belém foi efectuada em pequenos botes, alcunhados “catraios”.

Em 1923 fundou-se no Porto Brandão, a *Cooperativa dos Catraeiros do Porto de Lisboa*, que prestava serviços de transporte de passageiros, rendição de tripulantes e abastecimento de navios fundeados no Tejo, bem como reboques.



Rebocador no Tejo

Museu da Cidade de Almada



Modelo de bote catraio



Lancha “Albertina”, construída no Porto Brandão para a Soc. Coop. dos Catraeiros.

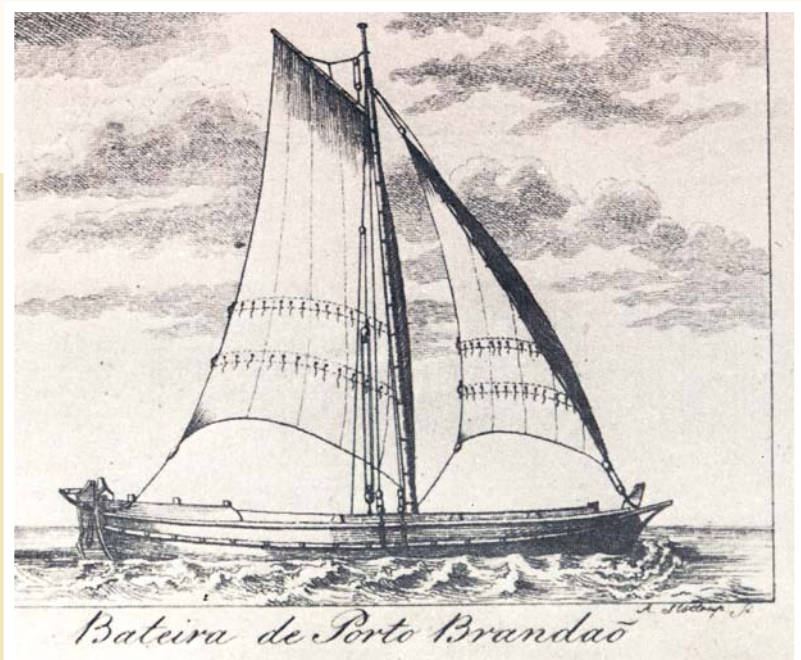


Visita do Presidente da República Bernardino Machado ao Porto Brandão. 7/3/1926

Arquivo Municipal de Lisboa. / Arquivo fotográfico

Uma carreira de Ferry Boats entre o Porto Brandão e Belém foi iniciada em 1959, para fazer face ao aumento de tráfego automóvel entre as duas margens, questão que ficou temporariamente resolvida em 1966, com a ponte sobre o Tejo. O embarque de automóveis no Porto Brandão acabou em 1977.

Actualmente, o Porto Brandão é uma escala da carreira de passageiros entre Belém e a Trafaria.

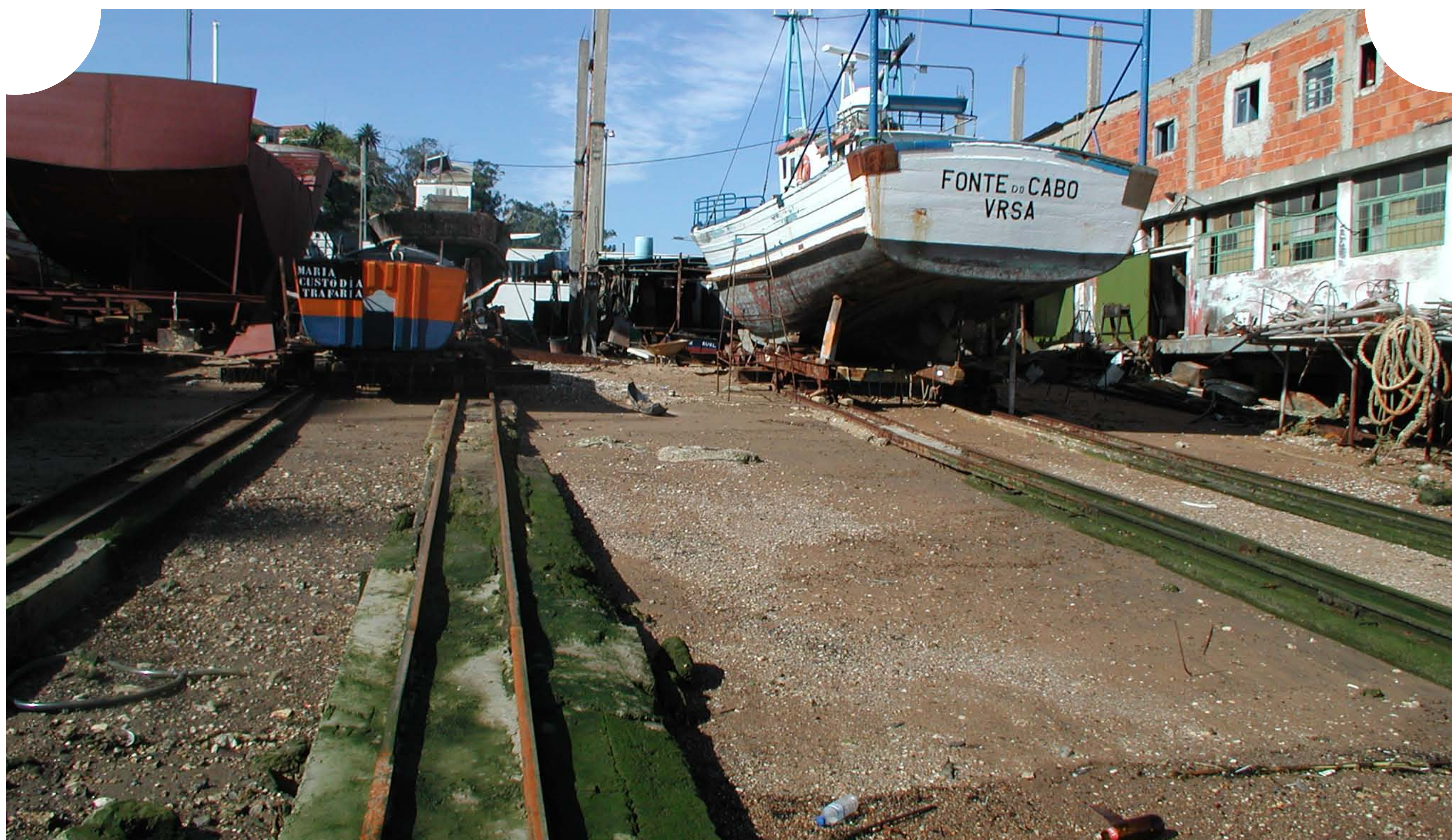


Placa toponímica do Automóvel Clube de Portugal



Embarque de automóveis no Porto Brandão. 1961

Arquivo Municipal de Lisboa



Construção Naval

A presença de oficinas de construção naval na Margem Sul do Tejo remonta a épocas muito recuadas.

Na primeira metade do século XIX, o Porto Brandão foi uma referência importante nessa área. Data de 1865 a entrada em funcionamento no Porto Brandão do primeiro plano inclinado do país. O estado português concedeu apoios e terrenos públicos à fábrica “Promitente”, empresa que trouxe a técnica de Inglaterra e a instalou numa parcela expropriada com esse propósito. A máquina a vapor permitia aumentar a tonelagem dos navios construídos ou reparados.

As embarcações feitas no Porto Brandão eram de madeira. A função a que se destinavam era muitas vezes repartida entre o transporte e a pesca.



Actualmente, funciona no Porto Brandão o único estaleiro de construção naval do concelho de Almada.





Indústria

A facilidade de acesso fluvial e a intensa actividade piscatória criaram condições para a instalação no Porto Brandão de algumas unidades industriais, das quais se destaca a produção de conservas de peixe.

A partir de finais do século XIX, encontram-se referências a quatro fábricas no Porto Brandão:

1890 - Fábrica de cerâmica de Henrique Maria Cardoso. Utilizou uma das primeiras máquinas a vapor do concelho de Almada.

1920 - Conservas Tejo, situada no lugar de Formosinhos. Registou uma “chata” para o transporte de passageiros e tráfego local, que mandou construir num estaleiro do Porto Brandão.

1930 - Antiga Fábrica de conservas de João do Sal, situada na actual travessa do Asilo 28 de Maio.

1940 - Conserveira Gio Batta Trabuco, Lda. Para acondicionar as conservas, tinha fabrico próprio de lata redonda.



Museu da Cidade de Almada

Interior da fábrica Gio Batta Trabuco

Desta última fábrica restam muitas memórias nas gentes de Porto Brandão. Para além da população local, empregava operárias vindas do Algarve que aqui se fixaram.



Tanoaria

Aviticultura foi, até ao século XIX, uma das principais produções agrícolas do concelho de Almada. No Porto Brandão, tal como noutras zonas ribeirinhas, instalaram-se tanoarias onde eram construídos barris para o transporte do vinho.

Na tanoaria de Constantino Nunes trabalhavam, na década de 40 do século XX, cerca de 14 homens. Construíam barris de vários tamanhos, transportados de bote para os armazéns de vinho do Cais do Ginjal.



Casa do Tanoeiro Constantino Nunes no Porto Brandão, cerca de 1980